

## A interpretação de Wittgenstein sobre a linguagem agostiniana

### Wittgenstein's interpretation concerning Augustinian language

Carolina Orlando Bastos<sup>1</sup>  
bastos.carol@ymail.com

#### Resumo

Para Agostinho, a linguagem é essencialista, responsável pela representação das coisas e do mundo – essa concepção foi utilizada desde os filósofos gregos até o positivismo lógico do século XX – e apresenta duas funções principais: corresponder cada *palavra* à designação de um objeto e fazer referência à própria mente, pois o espírito fornece a *imagem* do objeto. Diante desta perspectiva, Wittgenstein irá propor uma *mudança* no entendimento da formação da linguagem, afirmando que existem diversas formas, chamadas de *jogos de linguagem*, que são capazes de expressar uma forma de vida, uma vez que o indivíduo pertence ao contexto, ou seja, o que fornece o significado de uma palavra é sua *utilização*. Assim, a linguagem é pragmática e o processo de aprendizado da língua materna é *natural* – não descarta a proposta de Agostinho, mas explica que ela é apenas uma *fase*, que não inclui as outras formas de comunicação.

**Palavras-chave:** formação da linguagem; jogos de linguagem; linguagem e religião.

#### Abstract

For Augustine, language is essentialist, supposed to stand for things and the world – such conception was held since ancient Greek philosophers until twentieth-century logical positivism – and presents two main functions: matching each word to the designation of an object and referring to the mind itself, since the spirit provides the image of the object. In view of such perspective, Wittgenstein would propose a shift in the understanding of language formation, stating that there are various forms, called language-games, which are able to express a form of life, since an individual belongs to a context, that is, what provides meaning to a word is its usage. Therefore, language is pragmatic and the learning process of one's mother tongue is natural – he does not discard Augustine's proposition, but explains that it is only a phase which does not include the other forms of communication.

**Keywords:** language formation; language-games; language and religion.

#### Introdução

A linguagem é uma criação humana por *convenção*. Na estrutura básica de um diálogo tem-se o *falante* – que *transmite* uma informação e *imagina* o que está sendo anunciado – e um *ouvinte* – que *recebe* a informação e *reconhece* a mensagem falada, por

---

<sup>1</sup> Carolina Orlando Bastos é mestranda em Ciência da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião (PPCIR/UFJF), área de concentração: Filosofia da religião. Bolsista da CAPES. Graduada em Filosofia pela mesma universidade.

meio da imaginação e do pensamento.

No período em que a linguagem era mágica – ou mística – havia uma preocupação com a *substância* e a *forma material*, uma vez que *ser* e *nomear* eram sinônimos. Todavia, não havia uma separação entre o referente, o signo, o significante e o significado. Por isso, pode-se afirmar que nesse caso específico, a linguagem era utilizada como condição *sine qua non* para o desenvolvimento espiritual.

Na filosofia grega ocorreu uma separação entre a *linguagem* e a *realidade*. Os indivíduos necessitaram de um *sistema formal*, ou seja, a presença de uma escrita alfabética, de uma teoria fonética e de uma gramática. O *mundo* e a *realidade objetiva* era o que fornecia o significado para as palavras, surgindo assim, a *metafísica* e a busca por uma *essência*.

A ligação transcendental entre o *mundo* e a *linguagem* ocorreu, primeiramente, nos argumentos de Platão e de Aristóteles<sup>2</sup>. Platão percebeu que os *sentidos* se encontravam além do mundo real. Dessa forma, o significado precedia o significante, e o referente, o mundo das ideias. Diante dessa perspectiva, um discurso é composto por um *nome* – que pratica a ação –, um *verbo* – que exprime a ação – e em significado para a proposição.

Para Aristóteles, a linguagem é uma forma de *representação*, uma vez que as palavras faladas são símbolos das afecções da alma e as escritas, se auto simbolizam. O significado das palavras se encontram na *mente* através da imagem do referente – do que está sendo nomeado. Isto é, a *palavra* evoca na *mente*: o conceito, a imagem e o significado do objeto. O conceito de verdade e de falsidade ocorre através da diferenciação entre a referência e o objeto – podendo ser verificada através do princípio de identidade.

Para explicar a relação entre as palavras e as coisas, Aristóteles criou as *categorias*<sup>3</sup> que são capazes de fornecer o *significado* do ser e as *diferentes formas* de expressar a realidade no mundo. Nessa perspectiva, o *nome* produz um *conceito* que se refere a uma determinada coisa. Diante disso, ele enfatiza que as frases *declarativas* expressam a *essência* das coisas.

Na Idade Média, Pedro Abelardo e Tomás de Aquino<sup>4</sup> acreditavam que o significado de uma palavra se referia ao mundo sensível. Posteriormente, essa ideia foi desenvolvida no nominalismo, no conceitualismo e no realismo<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> Pode-se perceber os primeiros discursos sobre a linguagem na perspectiva platônica nos diálogos: *Crátilo*, *Sofista* e *Parmênides* e na aristotélica no *De Interpretatione*.

<sup>3</sup> As categorias são: de substância, de quantidade, de qualidade, de relação, de lugar, de tempo, de estado, de situação, de ação e de paixão.

<sup>4</sup> “De um modo geral a concepção da linguagem é tida como um *sistema de significação*. A língua significa o mundo refletindo-o (como o espelho – *speculum*) através dos sentidos” (Silva, 2012, p. 31).

<sup>5</sup> “Das querelas sobre os universais surgiram três posições até hoje muito pesquisadas e presentes: o *nominalismo*, o *conceitualismo* e o *realismo*. Entre os muitos entendimentos que se possa ter, a escolástica assume a posição *realista* (racionalista), (Abelardo, Tomás de Aquino), afirmando a realidade do conceito como essencial à realidade mesma. Essa posição é assumida com algumas modificações por filósofos como Espinosa, Kant, Hegel e E. Husserl. Do *Nominalismo*, (Duns Scot), podemos dizer, de forma abrangente, que o conceito é um signo de objeto e se encontra em relação de

Nesse mesmo período, a linguagem agostiniana apresenta duas funções: a de que cada palavra designa um objeto dando-lhe significado, e a de que o *espírito* traz a imagem do objeto através da memória. A linguagem, neste contexto, além de ser representacionista e essencialista, busca efetivar a ligação entre as coisas e o mundo, já que o significado de uma palavra está em consonância com o objeto que se refere.

No século XVIII, Hobbes, Locke e Berkeley estão interessados em investigar os fundamentos do conhecimento e o significado das proposições. Nesse sentido, a linguagem é um sistema referencial que possui o significado na própria realidade; mas, que não define a *essência* das coisas – apenas suas relações com os seres humanos.

Os séculos XIX e XX são marcados pela intercessão do pensamento lógico, principalmente pelo de Frege. Ele construiu uma linguagem capaz de formular expressões do pensamento, tais como: *referência*, *sentido* e *conceito*. Para ele, a língua natural é a junção dos sentidos com a vida mental. Portanto, o *signal* se forma a partir da referência, ou seja, da própria imagem dos objetos percebidos. Assim, enquanto o significado de uma palavra é o próprio objeto<sup>6</sup>, o das proposições refere-se diretamente aos indivíduos.

Wittgenstein iniciou as *Investigações Filosóficas* quando percebeu que a filosofia esteve por muito tempo como uma “mosca morta em uma garrafa” (Cf. Silva, 2012, p.10) – presa e sem saída, pois, anteriormente, a linguagem era apenas designativa e declarativa – utilizada por Agostinho como a essência da linguagem humana. Já para o filósofo de Cambridge é plausível a existência de outras *formas* de comunicação, as quais chamou de *jogos de linguagem*, neles os significados estão intrinsecamente conectados a *utilidade* de cada palavra, fazendo com que os contextos sejam reais e expressem uma forma de vida. Portanto, neste trabalho apresentarei o aprendizado da linguagem, sob um viés pedagógico – em Agostinho, na sua obra *Do Mestre*, e em Wittgenstein, nas *Investigações Filosóficas*.

### Sobre a palavra e a referência na linguagem agostiniana.

---

significação com o objeto. Em outros termos o nominalismo não aceita a existência de universais nem no mundo das coisas, nem no pensamento. O conceitualismo, (Guilherme de Ockham), é assim definido: “É a orientação do pensamento que atribui um ser mental só aos conceitos universais. O conceitualismo distingue-se do antigo nominalismo, enquanto admite, não apenas nomes comuns, senão também, conceitos universais. Contudo nega, contra o realismo, que aos conceitos universais corresponda alguma coisa na realidade” (Silva, 2012, p. 31).

<sup>6</sup> “Quando se diz A estrela matutina é Vênus, a frase é formada por dois nomes próprios que rederem um mesmo objeto. Tem a forma  $a=a$  o que significa identidade e que os dois termos são reversíveis. Já A estrela matutina é um planeta é uma frase formada por um nome próprio (estrela matutina) e um termo conceitual (um planeta). Possui a forma de  $a=b$  e não é reversível. O  $a$  é de  $a=b$  é um sinal de predicado e não de igualdade. Do ponto de vista linguístico, aparentemente, acontece apenas uma substituição de uma palavra por sinônimo, mas do ponto de vista do conteúdo há uma relação distinta entre estrela matutina e Vênus. Estrela matutina refere-se a um conceito que tem sob si só um objeto, porém o conceito é distinto desse objeto. Enquanto isso a palavra *Vênus* que não pode ser predicado tem como referente um objeto e nunca um conceito (Frege, 1978: 92). Para facilitar, Frege diz que o artigo definido singular sempre indica um objeto, enquanto o artigo indefinido acompanha um termo conceitual” (Silva, 2012, p. 35).

Em 389, Agostinho publica o *Do Mestre* com o objetivo de encontrar o valor da linguagem. Para isso, ele se comporta como educador e orientador de seu filho, levando-o a investigar, a pensar e a refletir sobre as questões intelectuais e religiosas.

O diálogo inicia com a pergunta de Agostinho sobre o que pretendemos quando falamos<sup>7</sup>. Adeodato responde que, certamente, estamos querendo ensinar alguma coisa a alguém ou aprender algo; mas, ainda insatisfeito, questiona a respeito do que queremos fazer quando rezamos, e seu pai responde que, nesse caso, não queremos ensinar nada a Deus. Portanto, a oração é um meio de *comunicação* entre o homem e o Criador, em que não são necessárias palavras – por serem meramente criações humanas.

Nesta perspectiva, a *fala* transmite um *sinal* para expressar a vontade do indivíduo, ou seja, o som indica algo que está interiorizado. Por exemplo, o sacerdote, utiliza palavras com a finalidade de transmitir uma recordação e um ensinamento aos fiéis. Já, quando estamos falando com Deus, o som se torna desprezível, pois basta que ocorra uma manifestação da vontade. Dessa forma, as palavras são sinais que tendem a chamar nossa atenção para suas representações, uma vez que palavras são ruídos externos do pensamento interno.

A linguagem para Agostinho é *referencial*, pois as palavras são sinais que estão conectados com a realidade, dando-lhe o significado<sup>8</sup>, ou seja, elas são sonorizações que indicam algo. Nesse caso é pertinente falar da linguagem utilizando palavras e sinais, como pode ser visto em:

Agostinho: - Para conceder-te que isto é assim, não irei enumerar todas as objeções que por acaso se poderiam apresentar a essa tua regra; mas podes facilmente reparar que explicastes palavras com outras palavras, isto é, sinais com outros sinais, coisas conhecidíssimas com outras conhecidíssimas, porém gostaria que, se pudesse, me mostrasses as coisas mesmas, de que estão os sinais (Agostinho, 1956, p. 23).

A única exceção da proposta apresentada acima é quando utilizamos o verso da *Eneida* de Virgílio: “Se nada de tão grande cidade agrada os deuses que fique”,<sup>9</sup> pois nesse caso, as palavras *si* (se) e *nihil* (nada) não remetem a nenhum objeto, mas a um “estado de espírito” (Souza, 2007, p. 13). Esse caso demonstra que algumas palavras são plausíveis de serem demonstradas sem o emprego de um sinal.

No capítulo VII do *Do Mestre*, Agostinho apresenta sua preocupação em relação às palavras e aos seus respectivos significados, demonstrando como esses se consolidam na mente e proporcionam a efetivação da comunicação. Nesse sentido, esclarece que o

<sup>7</sup> “Agostinho: - Que te parece que pretendemos fazer quando falamos?” (Agostinho, 1956, p. 13).

<sup>8</sup> “A aprendizagem ostensiva, tal como é discutida por Agostinho com Adeodatus, inclui não só apontar com um dedo para o objeto significado, mas também demonstrar ou mostrar alguma coisa sem um sinal. Em *Do Mestre*, o exemplo mais instrutivo é 'caminhar'. Agostinho quer saber de Adeodatus como alguém que já está caminhando pode, enquanto caminha, mostrar a um outro o que significa 'caminhar'. Adeodatus responde que realizaria a mesma ação, ou seja, caminharia, mas um pouco mais depressa. Em tom de censura, Agostinho pergunta ao seu filho se não sabe que andar depressa é algo diferente de caminhar” (Matthews, 2007, p. 51).

<sup>9</sup> “Si nihil ex tanta superis placet urbe relinqui?” (Agostinho, 1956, p. 19).

som desperta a mente fornecendo a lembrança e a imagem do objeto. Já as palavras, independem de sinais, pois produzem o próprio significado, ou seja, ela proporciona através de si mesma a compreensão das coisas. Entretanto, vale ressaltar que Agostinho utiliza a ideia de *iluminação* para explicar o que é relembrar, pois Deus é o que ensina através da interioridade e fornece a sabedoria ao indivíduo. Assim, as palavras não são capazes de serem ensinadas sozinhas, pois são incapazes de demonstrar o pensamento, mas apenas retomam a mente, a fim de remeter a imagem do objeto.

Diante disso, pode-se afirmar que Agostinho retoma a Platão<sup>10</sup>, pois o medieval afirma que não adquirimos conhecimento através dos sinais – mas, somente, pelas próprias coisas e pela recordação, uma vez que o som remete a uma palavra, capaz de encontrar em nossa mente as coisas significadas. Se o som não encontra o referente, pode ser classificado como um ruído que nada ensina; caso encontre seu referente, recorda imediatamente o objeto observado pelo conhecimento, remetendo-o a algo. Assim, a palavra tem a tarefa de despertar a mente e de explicitar a função propedêutica do ensino, pois retoma o objeto, dando-lhe um nome.

### **Sobre os jogos de linguagem e os processos mentais na linguagem wittgensteiniana.**

Em 1930 Wittgenstein, seguindo a analogia proposta pelos formalistas<sup>11</sup>, compara os sistemas axiomáticos com o jogo de xadrez. Entretanto, seu objetivo não era formular uma linguagem ideal para substituir à existente, pois se fizesse isso, estaria apenas em uma fase de encantamento<sup>12</sup>. Sua finalidade é demonstrar uma visão panorâmica da funcionalidade da linguagem, explicitando o sentido e o significado das palavras em um contexto.

Dois anos depois, o filósofo estende a analogia do jogo para o campo da

---

<sup>10</sup> Agostinho parece retomar as ideias expostas por Platão no *Mênon*.

<sup>11</sup> “A analogia tem origem nos formalistas, que tratavam a aritmética como um jogo praticado com símbolos matemáticos. Essa ideia foi criticada por Frege, que via apenas duas alternativas: a aritmética trata ou de signos ou daquilo que os signos substituem. Wittgenstein rejeita essa dicotomia. A aritmética não versa “sobre” marcas de tinta, do mesmo modo que o xadrez não é um jogo que diga respeito a peças de madeira. Isso não significa, entretanto, que numerais ou peças de xadrez funcionem como substitutos de alguma coisa. Em vez disso, o “significado” de um signo matemático, assim como o de uma peça de xadrez, é a soma das regras que determinam os seus “lances” possíveis. O que distingue a matemática aplicada e a linguagem do jogo de xadrez e da matemática pura é simplesmente sua “aplicação”, o modo como interagem com outras atividades (linguísticas e não linguísticas)” (Glock, 1998, p. 225).

<sup>12</sup> “Certo era que nossas reflexões não podiam ser reflexões científicas. A experiência de 'que se pode pensar isto ou aquilo em oposição a nosso preconceito' – não importa o que isto significa – não nos podia interessar. (A concepção pneumática do pensar.) E não nos é permitido levantar qualquer teoria. Não é permitido haver nada e hipotético em nossas reflexões. Toda *explicação* tem que sair e em seu lugar entrar apenas descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, seu objetivo, dos problemas filosóficos. Estes, sem dúvida, não são empíricos, mas são resolvidos por um exame do funcionamento da nossa linguagem, ou seja, de modo que este seja reconhecido: em *oposição* a uma tendência de compreendê-lo mal. Estes problemas não são solucionados pelo ensino de uma nova experiência, mas pela combinação do que de há muito já se conhece. A filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento de nosso intelecto pelos meios de nossa linguagem” (Wittgenstein, 2009, p. 71).

linguagem, como algo equivalente a um cálculo<sup>13</sup>, pois acreditava que a linguagem é guiada por *regras* – nomeadas de *gramática* – capazes de governar o funcionamento desse meio de comunicação, proporcionando significado às palavras. Nesse momento, surgem os chamados *jogos de linguagem*, para explicitar a pretensão do conceito e do seu uso<sup>14</sup> – e não sua definição, pois seria impossível estabelecê-la como determinada, uma vez que o conceito é amplo – são diversos *jogos* e inúmeros *contextos*.

Como o jogo de xadrez permite inúmeros lances, o de linguagem, possibilita várias utilizações<sup>15</sup>. Se não fosse dessa maneira, o filósofo de Cambridge afirma que cairia nos mesmos erros filosóficos do essencialismo. Como pode ser visto em:

Aqui nos deparamos com a grande questão que está por trás de todas estas considerações. – É que alguém poderia retorquir: 'Você facilita muito a coisa! Você fala de todos os jogos de linguagem possíveis, mas não disse, em nenhum lugar, o que é a essência do jogo de linguagem e, portanto, da linguagem. O que é comum a todos esses processos e os torna uma linguagem ou peças de linguagem. Você se dá de presente, portanto, exatamente a parte da investigação que, a seu tempo, lhe deu as maiores dores de cabeça, a saber: a parte que diz respeito à *forma geral da proposição* e da linguagem'. E isto é verdadeiro. – Ao invés de indicar algo que seja comum a tudo o que chamamos linguagem, digo que não há uma coisa sequer que seja comum a estas manifestações, motivo pelo qual empregamos a mesma palavra para todas, - mas são *aparentadas* entre si de muitas maneiras diferentes. Por causa deste parentesco, ou destes parentescos, chamamos a todas de “linguagens” (Wittgenstein, 2009, p. 51).

As funções desses *jogos de linguagem* são: descrever a funcionalidade da linguagem e trazer uma *ordem* para as proposições. Sua estrutura é fornecida pelas *regras gramaticais* que permitem analisar quais proposições possuem *sentido*, ou seja, as que funcionam como “objetos de comparação”<sup>16</sup> ou objetos de conhecimento<sup>17</sup>; os

<sup>13</sup> “A analogia com o jogo substitui pouco a pouco a analogia com o cálculo. Isso corresponde ao abandono da utilização do cálculo como modelo, a ideia de que as regras constituem uma ordem rígida, precisa e definida, oculta por detrás da aparência heterogênea da linguagem. Nesse momento espírito, junta-se ao xadrez, na compreensão com a linguagem, outros jogos menos rígidos, tais como cantigas de roda. Além disso, ao voltar-se para a ideia de jogos de linguagem, Wittgenstein desviou o foco de sua atenção da geometria de um simbolismo (seja de uma linguagem ou de um cálculo) para o lugar que ele ocupa nas práticas humanas” (Glock, 1998, p. 226).

<sup>14</sup> “Quando os filósofos usam uma palavra - “saber”, “ser”, “objeto”, “eu”, “proposição”, “nome” e almejam apreender a essência da coisa, devem sempre se perguntar: esta palavra é realmente sempre usada assim na linguagem na qual tem o seu nome torção natal? – Nós conduzimos as palavras do seu emprego metafísico de volta ao seu emprego cotidiano” (Wittgenstein, 2009, p. 72).

<sup>15</sup> “Todo signo, sozinho, parece morto. O que lhe confere vida? - Ele está vivo no uso. Ele tem em si o hálito da vida? – Ou é o uso o seu hálito?” (Wittgenstein, 2009, p. 173).

<sup>16</sup> “Nossos jogos de linguagem claros e simples não são estudos preparatórios para uma regulamentação futura da linguagem, - não são, por assim dizer, aproximações preliminares, sem levar em conta o atrito e a resistência do ar. Os jogos de linguagem estão aí muito mais como *objetos de comparação*, os quais, por semelhança ou dissemelhança, devem lançar luz nas relações da nossa linguagem.” (Id. Ibid. p. 76).

<sup>17</sup> “Queremos construir uma ordem no nosso conhecimento do uso da linguagem: uma ordem para uma finalidade determinada; uma das muitas ordens possíveis; não a *ordem*. Por esta finalidade, iremos

primeiros, exigem uma sentença seja portadora de uma referência, para que seja classificada como: afirmativa ou negativa.

Os *jogos de linguagem* devem ser analisados através da perspectiva voltada para o ensinamento, ou seja, como no processo de aprendizado da língua materna, pois a criança se comunica primeiramente através de gestos e, posteriormente, com o *uso* das palavras.

Percebe-se então, a importância em analisar as *sentenças* e suas *conexões* – como se formassem uma família<sup>18</sup>. Por isso, essa análise se faz necessária, uma vez que busca um “elo” que as reúnem e as transformem em uma definição exata.

Vale ainda ressaltar a interpretação que Glock – em seu *Dicionário de Wittgenstein* – faz sobre os *jogos de linguagem*, dividindo-o em quatro diferentes acepções:

Em um primeiro momento, têm-se *as práticas de ensino*, capazes de expressar como uma criança aprendeu a falar, ou seja, a maneira de utilizar uma palavra. Normalmente, esse processo segue a ordem: *falar* uma palavra e *apontar* para o objeto, explicitando assim, a relação entre o *nome* e o *objeto*. Entretanto, Wittgenstein percebe que as práticas de ensino são fragmentos da nossa linguagem, importando apenas os resultados produzidos nesse aprendizado, ou seja, a distinção entre as palavras. Por isso, na passagem seguinte, afirma que o ensino é um processo de condicionamento, pertencente ao estado mental de cada indivíduo.

Uma parte importante do treinamento consistirá em um instrutor apontar para objetos, dirigir a atenção da criança para eles enquanto profere uma palavra, por exemplo, a palavra ‘laje’, mostrando esta forma. (Não quero chamar isto de ‘explicação ostensiva’ ou de ‘definição’, porque a criança ainda não pode *perguntar* pela denominação. Quero chamar isto de ‘ensino ostensivo das palavras’. - Digo que esta é uma parte importante do treinamento, porque é o que ocorre entre as pessoas e não porque não dá para imaginar outra coisa.) Pode-se dizer que esse ensino das palavras estabelece uma ligação associativa entre a palavra e a coisa: mas o que isto quer dizer? Ora, pode significar diferentes coisas; mas pensa-se, em primeiro lugar, que a imagem da coisa se apresenta à mente da criança quando ela ouve a palavra. - Mas mesmo que isso aconteça – é a finalidade da palavra? - Sim, *pode ser* essa a finalidade. - Posso imaginar um tal emprego de palavras (sucessão de sons). (Pronunciar uma palavra é, por assim dizer, tocar uma tecla do piano da representação. No entanto, na

---

sempre de novo realçar diferenciações que as nossas formas habituais de linguagem facilmente deixam passar. Daí pode parecer que consideramos ser nossa tarefa retomar a linguagem. Uma tal reforma para determinadas finalidades práticas, para o melhoramento de nossa terminologia para evitar mal-entendidos no uso prático, é perfeitamente possível. Mas não são estes os casos com os quais temos que lidar. As confusões que nos dão o que fazer originam-se, por assim dizer, quando a linguagem está em ponto morto, não quando ela trabalha.” (Id. Ibid. p. 76).

<sup>18</sup> “Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que por meio das palavras ‘semelhanças familiares’; pois assim se sobrepõe e se entrecruzam as várias semelhanças que existem entre os membros de uma família: estatura, traços fisionômicos, cor de olhos, andar, temperamento, etc., etc. - E eu direi: os ‘jogos’ formam uma família.” (Id. Ibid. p. 52).

linguagem do § 2, *não* é finalidade das palavras despertar representações (Wittgenstein, 2009, p. 18).

Num segundo momento, esclarece o conceito de *jogos fictícios*<sup>19</sup>, explicitando que se trata de sentenças hipotéticas ou inventadas que não possuem um contexto filosófico e uma linha argumentativa, podendo ser apenas “objetos de comparação”. Percebe que a utilização dos *jogos de linguagem* é algo que estabelece a relação entre a linguagem e a realidade. Já na *linguagem primitiva*, uma *palavra* remete a um *objeto* – como visto na linguagem agostiniana. Entretanto, na proposta apresentada por Wittgenstein, existem várias formas de uso da linguagem além de *nomear* e *referenciar* um objeto.

O terceiro momento se refere às *atividades linguísticas*, usadas para a compreensão dos conceitos *complexos* após a dos *fictícios*<sup>20</sup>. Dessa forma, os *jogos de linguagem* devem enfatizar a sua natureza heterogênea – a má compreensão da linguagem surge com a utilização inadequada da *palavra* e do *jogo*.

O último momento ocorre a partir da investigação da linguagem como *jogo*<sup>21</sup>, explicitando que as práticas linguísticas estão correlacionadas, ou seja, fazem parte de um sistema unânime<sup>22</sup> e da nossa *forma de vida*.

Diante desse contexto, a linguagem e os estados mentais estão intrinsecamente interligados, pois ao utilizar uma palavra, remetemos a um *jogo de linguagem* – como se fosse uma seleção de gênero realizada pela mente. Contudo, o que nos interessa não é o que passa em nossa consciência, mas o *comportamento* diante da palavra utilizada. Por isso, a fala interior ou o silêncio pode acompanhar uma ação exterior.

---

<sup>19</sup> O conceito de *jogos fictícios* também foi desenvolvido no *Livro Castanho*, mas que perde espaço nas *Investigações Filosóficas*.

<sup>20</sup> “Pode-se imaginar facilmente uma linguagem que seja constituída somente de comandos e informes na batalha. - Ou uma linguagem constituída apenas de questões e de uma expressão de afirmação ou de negação. E inúmeras outras. - E representar uma linguagem equivale a representar uma forma de vida” (Wittgenstein, 2009, p. 23).

<sup>21</sup> “Não se deixe incomodar com o fato de as linguagens (2) e (8) consistirem apenas de ordens. Se você disser que por isso elas não são completas, pergunte-se se nossa linguagem é completa; se o era antes de lhe ter sido incorporado o simbolismo químico e a notação infinitesimal; pois estes são, por assim dizer subúrbios de nossa linguagem. (E com quantas casas ou ruas começa uma cidade a ser cidade?) Podemos ver nossa linguagem como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas velhas e novas, e casas com remendos de épocas diferentes; e isto tudo circundado por uma grande quantidade de novos bairros, com ruas retas e regulares e com casas uniformes” (Idem).

<sup>22</sup> “Na prática do uso da linguagem (2), uma parte grita as palavras, a outra age de acordo com elas; mas na instrução da linguagem vamos encontrar *este* processo: o aprendiz dá *nome* aos objetos. Isto é, ele diz a palavra quando o professor aponta para a pedra. - De fato, vai-se encontrar aqui um exercício ainda mais fácil: o aluno repete as palavras que o professor pronuncia- ambos, processos semelhantes. Podemos imaginar também que todo o processo de uso de palavras em (2) seja um dos jogos por meio dos quais as crianças aprendem uma língua materna. Quero chamar esses jogos de “*jogos de linguagem*”, e falar de uma linguagem primitiva às vezes como de um jogo de linguagem. E poder-se-ia chamar também de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e de repetição da palavra pronunciada. Pense em certo uso que se faz das palavras em brincadeiras de roda. Chamarei de “jogo de linguagem” também a totalidade formulada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada” (Wittgenstein, 2009, p. 19).

## A crítica de Wittgenstein sobre a linguagem agostiniana.

A primeira crítica wittgensteiniana sobre a concepção agostiniana da linguagem, que demonstrarei, é sobre o conceito de *significado*.

Uma das teses clássicas, presentes nas diferentes reflexões sobre a linguagem, é a que a comunicação linguística supõe a existência de uma série de traços formais, semânticos e sintáticos, presentes nas línguas, que são partilhados pelos interlocutores. Estes teriam, em igualdade de condições, acesso aos elementos formais, e saberiam usá-los devidamente, segundo regras bem determinadas. É essa tese, velha como os deuses, que Wittgenstein ataca (Moreno, 2000, p. 56).

Percebe-se que Wittgenstein se ocupava apenas do funcionamento da linguagem – diferentemente do que foi apresentado na citação. O filósofo de Cambridge afirmava que não existem regras fixas, por isso, a linguagem retoma a uma *forma de vida*<sup>23</sup>. Dessa forma, qualquer indivíduo é capaz de entender e de compreender uma frase descritiva através do *contexto* em que está inserido.

Uma segunda crítica pode ser analisada a partir da postulação de “entidades inatas” (Moreno, 2000, p. 57) como exposta por Agostinho:

Quando os adultos nomeavam um objeto qualquer voltando-se para ele, eu o percebia e compreendia que o objeto era designado pelos sons que proferiam, uma vez que queriam chamar a atenção para ele. Deduzia isto, porém, de seus gestos, linguagem natural de todos os povos, linguagem que através da mímica e dos movimentos dos olhos, dos movimentos dos membros e do som da voz anuncia os sentimentos da alma, quando esta anseia por alguma coisa, ou segura, ou repele, ou foge. Assim, pouco a pouco eu aprendia a compreender o que designavam as palavras que eu sempre de novo ouvia proferir nos seus devidos lugares, em diferentes sentenças. Por meio delas eu expressava os meus desejos, assim que minha boca se habituara a esses signos (Agostinho *apud* Wittgenstein, 2000, p. 15).

Essa passagem demonstra que aprendemos a língua materna devido à exterioridade, expressa através da *manifestação* e da *representação* dada por outros indivíduos. Isto é, a palavra tem significado apenas quando possui um – significado – determinado (Cf. Wittgenstein, 2000, p. 15).

## Considerações finais

<sup>23</sup> “Mas, se desta forma o conceito de 'jogo' é ilimitado, então você não sabe, propriamente, o que tem em mente com 'jogo'. – Quando dou a descrição: 'o solo estava totalmente coberto de plantas', – você quer dizer que eu não sei do que estou falando enquanto não puder dar uma definição de planta? Minha opinião poderia ser explicada, digamos, por um desenho ou pelas palavras 'O solo tinha mais ou menos tal aspecto'. Talvez eu diga também: 'Ele tinha *exatamente* tal aspecto'. – Portanto, estavam lá, nessas posições, exatamente *essas* ervas finas? Não, não é isto que se quer dizer. E, *neste* sentido, eu não reconhecia em nenhuma imagem a imagem exata” (Wittgenstein, 2009, p. 54).

Wittgenstein inicia as *Investigações Filosóficas* com uma citação das *Confissões*<sup>24</sup>. Agostinho escreve como aprendeu sua língua materna, e o filósofo de Cambridge, afirma que essa é uma concepção primitiva da linguagem e que demonstra apenas uma *fase*. Dessa forma, a criança aprende a língua materna, da mesma forma que o adulto aprende um segundo idioma, ou seja, o ensino é proporcionado pelo *significado* dos nomes da mesma forma que a relação entre o *objeto* e sua *designação* fundamentando a *essência* da linguagem.

Nesse sentido, para Agostinho o indivíduo *nomeia*, *aponta* para o objeto, *emite sons* e *associa* a palavra com a imagem do objeto, indicando uma sensação da alma. Percebe-se então, que sua preocupação inicial é designar substantivos – como: pão e mesa. Já para Wittgenstein, isso se torna sem sentido, pois a linguagem não se resume em mera *designação*, ou seja, existem palavras que os significados não possuem um objeto como *referência*.

Marconi, diz que há duas vias para a crítica da linguagem agostiniana:

- a) cada palavra da linguagem possui uma referência e um objeto que lhe corresponda e que se aprende por nomeação. Ora, este conceito de significado e de referência não se aplica a todos os jogos de linguagem; b) a aplicação da linguagem agostiniana é ilimitada e dogmática dentro da filosofia ocidental, fazendo brotar proposições sem sentido (Silva, 2012, p. 46).

Na linguagem apresentada por Agostinho, expressões diferentes implicam objetos e significados distintos. Já para Wittgenstein, o significado é descritivo, fundado nos *jogos de linguagem*, ou seja, tudo depende da forma utilizada para *descrever* e *determinar* uma coisa no contexto.

A linguagem agostiniana é chamada de representacionista, pois os conteúdos mentais descrevem a vida interior. Por exemplo, os animais não falam porque não pensam. Nessa concepção, *falar* é a forma de *expressar um pensamento*. Diferentemente do que o filósofo de Cambridge havia pensado, pois, para ele, o que possibilita a significação<sup>25</sup> é a *forma de vida* – que possui um compartilhamento público. Nesse caso, os animais não falam é porque eles não *querem*.

## Referências bibliográficas:

## Obras primárias

<sup>24</sup> Como pode ser visto na última citação.

<sup>25</sup> Chauviré afirma que Wittgenstein não se apóia apenas a concepção agostiniana, mas a uma série de pensadores que utilizavam incorretamente a definição de *uso* da linguagem. Como pode ser visto em: “Temos aqui um mau uso de paradigma: pretensão a revelar a essência da linguagem, como Freud pretendia revelar a essência do sonho. A imagem agostiniana seria particularmente nociva porque várias teorias sofisticadas enraizavam-se nela, que traduz assim uma doença do entendimento 'seduzido' por essa imagem” (Silva apud Chauviré, 2012, p. 50-51).

AGOSTINHO. *De magistro*. Tradução: Ângelo Ricci. Instituto de Filosofia. Universidade do Rio Grande do Sul, 1956.

\_\_\_\_\_. *Confissões*. Tradução: José de Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2009.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Tradução: Marcos G. Montagnoli. Petrópolis: Vozes, 2009.

### **Obras secundárias**

CASTRO, R. DE J. DE K. Aspects of Wittgenstein's critique of Augustine. *Kalagatos*, Fortaleza, vol. 5, p. 151-170, 2006.

GILSON, E. *Introduction a l'étude de Saint Augustin*. Paris: J. Vrin, 1943.

GLOCK, H-J. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução: Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

KENNY, A. *Wittgenstein*. Oxford: Blackwell, 2006.

MATTHEWS, G. B. *Santo Agostinho: A vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

McGUINNESS, B. *Wittgenstein, a Life: The Young Ludwig 1889-1921*. Londres: Penguin, 1988.

MORENO, A. R. *Os labirintos da linguagem ensaio introdutório*. São Paulo: Moderna, 2000. p. 46-70, 96-108.

SILVA, M. O. S. *Wittgenstein para além da linguagem Agostiniana*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

SOUZA, L. O. *Wittgenstein e a concepção agostiniana da linguagem*. Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. 2007. p. 29. Disponível em: <[http://www.biblioteca.pucpr.br/tede//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1124](http://www.biblioteca.pucpr.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1124)> acesso em: dezembro de 2012. (dissertação de mestrado).

SPANIOL, W. *Filosofia e método no segundo Wittgenstein*. São Paulo: Loyola, 1989.

THORNTON, T. *Wittgenstein sobre linguagem e pensamento*. São Paulo: Loyola, 2007.